

ACERVO REVELADO – Março 2017

A rede e seus usos¹

por Wilton Guerra²

**Núcleo de Preservação, Pesquisa e Documentação
Museu da Casa Brasileira**



Foto: Gal Oppido (2001)
Rede Lavrada de Algodão
Final do XIX/ Início do XX (presumível)
Acervo MCB

Neste artigo vamos tratar da presença de um importante equipamento domiciliar da casa brasileira, que esteve presente nas américas mesmo antes da chegada dos portugueses e espanhóis, merecendo inúmeros relatos testemunhando seu uso entre os “gentis da terra”. Também fora responsável, ao menos entre os portugueses, por um dos primeiros processos de assimilação cultural entre o indígena e o homem branco. Estamos falando da rede de dormir, equipamento responsável pelo repouso e relaxamento de seus usuários, repleto de histórias

¹ Este é o quinto artigo do projeto “Acervo Revelado” que tem como objetivo apresentar ao público pílulas de informação sobre peças do acervo do Museu da Casa Brasileira. É também intenção desta ação que o público possa contribuir com informações sobre os objetos apresentados aqui e nos demais artigos já publicados no site do MCB.

² Wilton Guerra atua como gerente do Núcleo de Preservação Pesquisa e Documentação do MCB (área responsável pelo acervo) desde 2006. É mestre em Museologia pela USP (2015), bacharel e licenciado em História pela PUC-SP (2003) e técnico em museus pelo Centro Paula Souza (2007). Desde 1998, é pesquisador do Museu da Casa Brasileira (MCB). Em 2000, organizou três volumes (Arquitetura, Objetos e Equipamentos) da coleção “Equipamentos, Usos e Costumes da Casa Brasileira” (Imprensa Oficial). Em 2005, coordenou o projeto “Acervo Virtual – Equipamentos, Usos e Costumes da Casa Brasileira” (Arquivo Ernani Silva Bruno), que disponibilizou integralmente o Fichário para consulta no site da instituição. Nos últimos anos, participou do desenvolvimento de exposições como: “Renata e Fábio – A Casa e a Cidade” (2006); “Coleção MCB” (2007); “A Casa Brasileira do MCB – Memórias de um Acervo” (2008); “A Casa e a Cidade – Coleção Crespi-Prado”, “Madeira e Móvel – Um olhar sobre a Coleção MCB” (2012) e “Coleção MCB – novas doações” (2016). Em 2015, na coordenação do Eixo Protocolos, do Comitê de Política de Acervo da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, desenvolveu juntamente com a equipe de três outros museus (Museu da Imigração, Museu do Café e Museu Índia Vanuire) o primeiro Protocolo para Descrição de Mobiliário do Estado.



pitorescas e apropriação cultural. Este equipamento domiciliar é um dos mais de 500 itens pertencentes ao acervo do Museu da Casa Brasileira.

Como mencionamos em um texto de 2007, tratar da história do móvel no Brasil nos primeiros séculos, ou “[...] mesmo descrever os interiores das casas, ainda parece ser um desafio a todos os pesquisadores que se debruçam sobre esse tema”, uma vez que “as informações são dispersas e muitas vezes conflitantes ou propiciam apenas desvelar parte dessa história”³. Como fonte de apoio nessa busca por informações substanciais, temos, nos primeiros séculos, os inventários e testamentos de famílias (a partir de 1578), os relatos de dezenas de cronistas e viajantes que percorreram o Brasil (desde 1500), entre outros documentos oficiais coloniais e registros das igrejas, das câmaras etc. O cenário torna-se mais esclarecedor a partir do século XX, quando as fontes se ampliam: revistas, jornais, anúncios publicitários, além de diversos estudos especializados em mobiliário, arquitetura, design e decoração, e os registros das empresas produtoras e revendedoras desses equipamentos domiciliares. Entre os inúmeros pesquisadores que investigaram a formação da nossa cultura, destacamos aqui dois que falam em especial sobre o uso da rede entre os brasileiros, é o caso de Luís da Câmara Cascudo na obra “Rede de dormir – uma pesquisa etnográfica” (1957), e ainda Sérgio Buarque de Holanda, que no último capítulo de “Caminhos e Fronteiras” (1957) fala do uso da rede e de seu fabrico.

Como apoio para esta breve reflexão cujo objetivo já mencionamos no início da nossa série de artigos, vamos sobretudo nos valer das fontes presentes do Fichário do Equipamento da Casa Brasileira ou Arquivo Ernani Silva Bruno⁴, fonte referencial que acreditamos ser o maior

³GUERRA, José Wilton; SIMÕES, Renata. O Acervo e suas múltiplas formas de uso. In. Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Disponível em <http://www.mcb.sp.gov.br/docs/ernani/pdf/O_Acervo.pdf>. Acessado em: 21 mar. 2017.

⁴ O Fichário do Equipamento da Casa Brasileira, a maior contribuição de Silva Bruno para a Museologia brasileira, é um acervo imaterial de alta relevância para a compreensão da materialidade da casa brasileira. Esse farto material referencial sobre a casa brasileira e seus equipamentos domiciliares infelizmente pouco contribuiu diretamente para formação do acervo, tanto devido a problemas financeiros, que impediam a prospecção e aquisição por meio de compra, quanto por divergências conceituais dentro do Conselho, estando de um lado aqueles adeptos às Artes Decorativas, e de outro, Silva Bruno, que enxergava o Museu como uma instituição com perfil histórico e com fortes características antropológicas. Ao longo dos nove anos de gestão (1970-1979), Silva Bruno a partir de uma metodologia própria, desenvolveu à frente do MCB o “Fichário do Equipamento da Casa Brasileira”, uma massa documental formada por aproximadamente 28.900 fichas referenciais sobre a casa brasileira. Essa vasta pesquisa foi realizada com base em relatos de cronistas e viajantes que passaram pelo Brasil entre os séculos XV e XIX; ficcionistas (na sua maioria romancistas) do século XIX; e coleções de documentos da época colonial, como os “Inventários e Testamentos” de famílias, “Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo” e três dos

legado do MCB para a compreensão do cotidiano da casa brasileira nos primeiros quatro séculos de colonização.

A rede de dormir ou simplesmente rede ou até “rede carijó”, termos adotados pelos portugueses a partir do seu primeiro contato com os indígenas em 1500, era denominada entre os Tupis, povo indígena que habitava a costa brasileira, como INI. Na América espanhola, onde surgiu entre os Aruaques, grupo indígena que povoou diversas regiões da América do Sul, era conhecida como hamaca.⁵

Esse equipamento teve seus primeiros registros pelas mãos de viajantes⁶ que chegaram às Américas. No Brasil, o primeiro foi Pero Vaz de Caminha, escrivão da armada de Cabral, que, ao fazer a descrição de uma habitação indígena nos arredores da atual Porto Seguro (BA), registrou o que ele denominou de “rede”, muito provavelmente assimilando esse equipamento às redes de pesca que ele conhecia:

"[...] sem repartição alguma, tinham de dentro muitos esteios; e de esteio a esteio uma rede atada com cabos em cada esteio, altas, em que dormiam. E de baixo, para se aquecerem, faziam seus fogos."⁷

Mas ele não fora o único. Outros viajantes ainda no primeiro século, além de produzirem relatos interessantíssimos sobre o uso desse equipamento intrigante aos olhos dos curiosos do velho mundo, também registraram por meio de gravuras, como foram os casos do alemão Hans

seis volumes dos “Autos da Devassa da Inconfidência Mineira”. Ao todo foram pesquisadas mais de 100 obras que compreendem um recorte temporal de quase 400 anos (1500 – 1898). Guerra, Jose Wilton Nascimento. O Projeto de Ernani Silva Bruno: uma discussão sobre as bases de criação, implantação e gestão do Museu da Casa Brasileira (1970-1979) / Jose Wilton Nascimento Guerra; orientadora Heloisa M. Silveira Barbuy. - São Paulo, 2015.

⁵ ALGRANTI, Leila Mezan. Origens, Expansão e Declínio do Uso da Rede de Dormir no Brasil. In: MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Boletim do Museu da Casa Brasileira. São Paulo: Museu da Casa Brasileira: Secretaria de Estado da Cultura: Governo do Estado de São Paulo. Edição Nº 4, 1979. p. 11.

⁶ Os relatos produzidos por Cronistas e Viajantes, possuem uma dupla dimensão. A primeira é obviamente o caráter de documento histórico. Já a segunda, é um caráter etnográfico, sobretudo dos naturalistas (alemães e franceses) que estiveram no Brasil no século XIX. Suas impressões, mesmo carregadas de um olhar eurocêntrico, uma “visão do outro” sobre os nativos, negros e colonos pobres ou ricos, são de extrema relevância para compreensão daquela sociedade e seu cotidiano. (GUERRA, 2015. p. 141-2)

⁷ CAMINHA, Pero Vaz de. Carta a El-Rei D. Manuel. In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 21101. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017.

Staden (1554), do franciscano francês André Thevet (1557) e do missionário francês Jean de Léry (1578).

Hans Staden durante o tempo em que esteve como prisioneiro entre os Tupinambás, registrou a forma como esses indígenas dormiam, quer seja em suas habitações ou em incursões pela floresta

"Devia dormir numa rede, que chamam INI. Estes são seus leitos. Amarram-nas em dois mourões acima do solo, ou em duas árvores, quando estão no mato."⁸

Em outra passagem, descreve com certa apreensão o momento em que as mulheres Tupinambás o fizeram deitar-se em uma rede:

"Depois introduziram-me elas na choça, onde tive que deitar-me numa rede [...]"⁹

Na obra de Hans Staden é possível localizar quase uma dezena de gravuras em que vemos o uso da rede entre os Tupinambás, sendo a mais representativa esta reproduzida abaixo, na qual ele apresenta para o velho mundo o estranho equipamento utilizado pelos indígenas para dormir. Na gravura a rede está suspensa e atada por suas extremidades em duas árvores, tendo abaixo uma fogueira, utilizada pelos índios para aquecer e espantar os insetos durante a noite.

⁸STADEN, Hans. Duas Viagens ao Brasil (1547-1554). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 21104. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017.

⁹STADEN, Hans. Duas Viagens ao Brasil (1547-1554). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 21102. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017.

Warin sie schlaffen. Cap. VII.

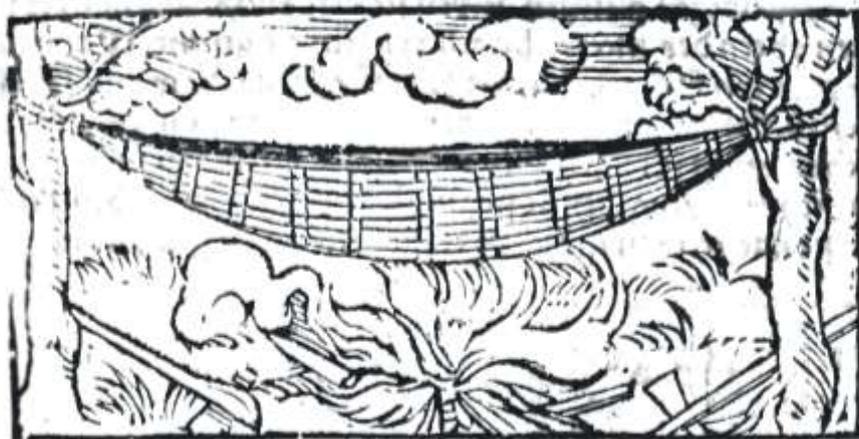


Imagem 1 - Uma rede (Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – PRCEU/USP)

Jean de Léry também deixou suas impressões sobre o uso da rede entre os Tupinambás, primeiro a respeito da hospitalidade e depois como os recém-nascidos eram acomodados em suas redes:

"Quando alguém quer dormir na aldeia onde se encontra, o velho manda armar uma bonita rede branca, e, embora não faça frio nessa terra, manda acender três ou quatro fogueiras em torno da rede, já por causa da umidade, já por ser de tradição."¹⁰

"Apenas sai do ventre materno, é o menino bem lavado e pintado de preto e vermelho pelo pai, o qual, sem enfaixá-lo, deita-o em uma rede de algodão."¹¹

Em uma das gravuras de Jean de Léry, de 1578, podemos observar uma família Tupinambá e, ao fundo do quadro, nota-se uma “rede de dormir”. Como esta encontramos em sua obra outras três ou quatro gravuras que reproduzem o uso deste equipamento entre os Tupinambás.

¹⁰LÉRY, Jean de. Viagem à Terra do Brasil (1555-1557). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 21108. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017

¹¹LÉRY, Jean de. Viagem à Terra do Brasil (1555-1557). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 21106. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017



Imagem 2 – Índios Tupinambás (Fonte: LÉRY, Jean de. Viagem à Terra do Brasil (1555-1557))

Fernão Cardim, jesuíta português que também se aventurou pelas novas terras ainda no século XVI também registrou suas impressões sobre o modo de repouso dos indígenas, que aos olhos do europeu causava espanto:

"Todo esse gentio tem por cama umas redes de algodão, e ficam nelas dormindo no ar, e não tem outros cobertores nem roupa, sempre no verão e inverno tem fogo debaixo [...]"¹²

Em outra passagem, relata como ele e seus companheiros, privados dos recursos disponíveis na corte, adaptaram-se rapidamente ao modo do "gentio".

"Nem faltavam camas, porque as redes, que servem de cama, levávamos sempre conosco, e este é cá o modo de peregrinar [...]"¹³

¹² CARDIM, Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil (15831593)*. In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 21117. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017

¹³ CARDIM, Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil (15831593)*. In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 21114. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017

A sucessão de relatos e iconografias sobre a rede neste primeiro século demonstram um misto de estranhamento e curiosidade daqueles viajantes a respeito do uso pelos indígenas desse equipamento de repouso. Por outro lado, pelo exemplo do relato de Fernão Cardim, notamos que houve um rápido processo de assimilação do uso deste equipamento, pelos portugueses. Cascudo menciona que:

“[...] o indígena impôs ao colonizador a farinha de mandioca, como alimentação solucionadora para penetrar o sertão e manter-se sem o reforço do produto europeu, e a rede constituiu o descanso tranquilo, pronto, acessível, natural pela facilidade da aquisição.”¹⁴

Se dermos um salto no tempo, veremos que a ampliação dos registros sobre o uso da rede, apontará para uma total assimilação desse equipamento pelos habitantes da colônia ao longo dos séculos seguintes.

Holanda menciona que as redes foram alvo de “ativo intercâmbio” entre os indígenas e os portugueses, sendo necessário estabelecer até algumas regras. A procura pela rede na vila de São Paulo foi tão grande

“[...] que em 1587, no regimento feito pelo Conselho da vila de São Paulo para bem definir as relações entre os moradores e o gentio tupinambá descido do sertão, foi necessário ordenar que nenhuma pessoa ‘lhe tomasse redes nem outra coisa’. E numa postura de 1590 determinava-se que os moradores não resgatassem com os índios que viessem às casas de seus amigos a trazer cera, redes ou peças, sendo imposto àqueles que desobedecessem a ordem mil-réis de multa[...]”¹⁵

Corroborando como que menciona Holanda a respeito do uso intenso da rede pelos moradores de São Paulo, nos inventários paulistas do século XVI e XVII, bem como nos relatos de alguns cronistas, vemos que a rede entre os paulistas era de uso geral, isso, é claro, motivado pela intensa relação com os indígenas locais e do sertão. Em 1590, na vila de São Paulo o inventário de Pero Leme e Grácia Rodrigues trazia uma “rede de dormir”¹⁶. Em 1607, na mesma

¹⁴CASCUDO, Luís da Câmara. Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica. 2ª ed. São Paulo: Global, 2003. p. 26.

¹⁵HOLANDA, Sérgio Buarque de. Caminhos e fronteiras. 3ª Ed. São Paulo: Cia das Letras. 2005. p.245.

¹⁶ INVENTÁRIOS e testamentos. Vol. I (1578-1624). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 21126. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017

vila, entre os itens deixados por Francisco Barreto está uma “rede de dormir” e “2 redes carijós”¹⁷. Como estes localizamos dezenas de outros inventários que arrolam as redes de dormir ou “rede carijó”, entre os bens dos falecidos.

Alcântara Machado em “Vida e Morte de um Bandeirante”, primeiro autor a explorar os inventários paulistas, dá destaque para o uso das redes tanto nas residências paulistas como também entre os equipamentos de viagem que o bandeirante levava para o sertão:

“A rede de dormir, a almofadinha com sua fronha, o cobertor, algumas toalhas forma o resto do enxoval”.¹⁸

Tanto Machado como Holanda destacam que os paulistas motivados pelas bandeiras que seguiram para o interior paulista, no sentido de Sorocaba e de lá para o Centro Oeste do território no caminho para Cuiabá, foram os grandes responsáveis pela disseminação do uso da rede entre os colonos.

No século XVIII, mais precisamente em 1789, em Ouro Preto (MG), apesar de este item não ser tão usual como em São Paulo, encontramos entre o arrolamento dos bens dos inconfidentes Claudio Manoel da Costa e Joaquim José da Silva Xavier a rede:

"Rede branca de algodão anilada."
(Inventário de Cláudio Manoel da Costa)¹⁹

"Rede branca de algodão"
(Inventário de Joaquim José da Silva Xavier)²⁰

O uso da rede não chegou ao final do século XVIII somente como fruto da mão de obra indígena, que as produziam a partir de fios entrelaçados de algodão que não formavam um tecido

¹⁷ INVENTÁRIOS e testamentos. Vol. II (1603-1672). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 21140. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017

¹⁸ MACHADO, Alcântara. Vida e morte do bandeirante. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1965. P. 237.

¹⁹ AUTOS da Devassa da Inconfidência Mineira (1789-1791). vol. V. In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 21389. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017

²⁰ AUTOS da Devassa da Inconfidência Mineira (1789-1791). vol. V. In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 21390. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017

de tramas fechadas, mas sim um trançado que de fato tinha semelhança com as redes de pesca. Não que não houvesse teares entre os indígenas, eles existiam, eram os ditos teares verticais, citados por Pero Magalhães Gandavo e Jean de Léry, mas a técnica utilizada era distinta da empregada pelos teares de “tecer pano” dos europeus.

As redes com trama compacta foram uma introdução portuguesa. “As mulheres e moças indígenas nas aldeias ou missões orientadas pelos padres jesuítas aprenderam tecer mais cerradamente.”²¹ Os casamentos dos portugueses com as indígenas, sobretudo os paulistas, também contribuíram para o aperfeiçoamento da indústria caseira da tecelagem.

Nos inventários do século XVII encontramos alguns teares de tecer rede. É o caso do inventário de Antonio Furtado de Vasconcelos, de 1625, na vila de Santana de Parnaíba (SP), que menciona “Rede que está no tear”²². Ou o de Izabel Afonso, de 1641, na vila de São Paulo, que destaca entre seus bens “Rede que está no tear com seus abrolhos postiços”.²³

De acordo com Holanda, o tempo para fazer uma rede, sendo tecedeira de grande prática não era menor do que “três ou quatro semanas de trabalho incessante” e muito mais tempo se a rede tivesse “abrolhos e varandas”. As redes com técnicas e elementos decorativos mais elaborados eram caras, muitas vezes mais caras que os “catres de mão” – uma espécie de cama desmontável – feitos por carpinteiros.²⁴ É fato que com o passar dos anos e ampliação do domínio sobre a técnica de tecer e a produção em outras regiões, os valores tornaram-se mais acessíveis, ampliando o uso desse equipamento.

As redes também podiam simbolizar o status de quem as usava, assim o motivo da introdução de inúmeros ornamentos como os abrolhos²⁵, varandas e serpentinas. As serpentinas eram uma espécie de dossel bordado colocado sobre a rede, utilizado nas redes de transporte. As

²¹ CASCUDO, 2003. p. 25

²² INVENTÁRIOS e testamentos. Vol. VII (1612-1677). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 18798. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017.

²³ INVENTÁRIOS e testamentos. Vol. XXVIII (1640-1643). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 8740. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017.

²⁴ HOLANDA, 2005. p. 248.

²⁵ Nas fontes consultadas não foi possível determinar o que eram os “abrolhos” das redes.

varandas são os ornamentos laterais, as franjas que enfeitam toda lateral das redes. A cor também era vista como símbolo de distinção social, “[...] uma alta distinção, anúncio de poderio, era ver-se alguém em rede branca [...]”²⁶. As cores “[...] azul, encarnado, amarelo, verde, eram as tonalidades preferidas, evitando-se as que sugerissem tristeza, viuvez, luto, morte, o lilás, o roxo, o negro, para os labores e bordados ornamentais”²⁷.

Ainda a respeito das simbologias em torno da rede vale apenas abrir um breve parêntese, Cascudo, em vários trechos de sua etnografia sobre a rede de dormir fala da expressão do poder do fazendeiro por meio da sua rede e das várias superstições ligadas a esse equipamento. “Botar a mão no punho da rede onde estivesse deitado um desses chefes onipotentes era sinal de privança, intimidade e confiança. Falar segurando no punho da rede era o mesmo que acobertar-se debaixo do manto ducal.”²⁸ Da mesma forma que seria um gesto de ousadia e rebeldia “[...] cortar os punhos da rede senhorial [...]”²⁹, este ato “[...] era pior do que tocar fogo na casa inteira [...]”³⁰. Sobre as crendices ligadas ao uso da rede, ainda podemos citar que “[...] os cordões embaraçados ou torcidos provoca ‘nó nas tripas’ (obstrução intestinal) em menino novo [...]. Para dissipar o pesadelo basta bater no punho da rede três vezes [...]. Rede com todas as varandas para dentro ‘atrasa’ o dono”³¹.

Voltando, no século XIX, é possível notar uma ampliação dos relatos e iconografias que registram o uso da rede, graças à “invasão” de viajantes após a vinda da corte portuguesa para o Brasil. Veremos por meio desses relatos que a rede de dormir neste momento, estava totalmente integrada à cultura na colônia, fazendo uso dela pobres e abastados.

Em sua passagem por Cametá (PA), o médico explorador alemão, Robert Avé-Lallemant, registrou como a rede era de uso geral naquela região em relação a outros móveis:

“Onde quer que se vá, para onde quer que se olhe, vê-se logo uma rede baloiçando, na qual alguém, descansando de nada a fazer, dá um ligeiro impulso. Esse regime de rede é comum em geral. A rede é cama, cadeira, sofá, e em

²⁶ CASCUDO, 2003. p. 117.

²⁷ Ibidem. p. 116.

²⁸ Ibidem. p. 118.

²⁹ Idem.

³⁰ Ibidem. 2003. p. 119.

³¹ Ibidem. 2003. p. 115.

muitos quartos, caso se possa falar nisso, a única mobília, sempre usada e sempre em movimento. Nela não se descansa do trabalho, e sim do banho."³²

Outro viajante, o naturalista americano Herbert H. Smith, em sua estada em Cuiabá (MT), falou sobre o uso comum da rede entre ricos e pobres, apesar da presença de camas entre os mais abastados:

"Como grandes e pequenos dormem em redes, aproveita-se muito espaço; num momento transforma-se o salão em dormitório. Junto a esta invenção dos índios sulamericanos [...] também se encontram cama nas casas dos mais abastados, entretanto, para a média dos cidadãos elas são [...] desconhecidas [...]"³³

O botânico britânico George Gardner, ao visitar a região do Crato (CE), reforça a observação de SMITH sobre o uso das redes entre os mais abastados:

"Embora nas casas mais respeitáveis do sertão, como lhe chamam ao interior do país, se vejam cadeiras na sala de visitas, raramente são usadas, porque as mulheres preferem a rede [...]. À noite preferem-na comumente como leito, por ser muito mais fresca, como pode atestar quem, como eu, por mais de três anos raramente dormiu em outra cama [...]. Tem ainda a vantagem de não precisar de outras roupas de cama, além de um cobertor fino no tempo fresco ou um lençol no calor."³⁴

Já o pintor português Henry Koster faz uma observação interessante sobre a origem, forma de confecção e distinção entre as redes utilizadas pelos ricos e pobres em Pernambuco:

"A rede é geralmente feita de algodão, com várias dimensões em cores e arranjos. As usadas nas classes baixas são tecidas em algodão, fiado nas manufaturas do país, outras são de malhas com vários fios, de onde provém o nome de 'rede', ou ainda formadas de uma longa renda, fixada atravessadamente com intervalos. Essas últimas, usualmente pintadas de duas cores, são concentradas nas casas

³² AVÉ-LALLEMANT, Robert. Viagem pelo Norte do Brasil no Ano de 1859. In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 21664. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017

³³ SMITH, Herbert H. Do Rio de Janeiro a Cuiabá (1881-1886). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 21713/ 21414/21716. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017

³⁴ GARDNER, George. Viagem ao Interior do Brasil (1836/1841). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 21582. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017

ricas. Essa espécie de leito foi adaptado dos indígenas e não é possível imaginar-se nada mais conveniente nem melhor adequado ao clima. Pode dobrar-se, ocupando espaço diminuto e, com um pano de baeta por cobertor, tem-se a tepidez suficiente." ³⁵

Merece destaque também a observação feita por Cascudo, sobre o uso da rede pelos escravos. De acordo com o autor, o escravo da senzala dormia no chão quando muito em uma esteira de palha ou em um "[...] cobertor de baeta, encarnado ou azul, um dos primeiros presentes recebidos do novo senhor-amo. [...] muitos resistiam à rede. Viveram e morreram sem abandonar a dormida no chão"³⁶. Já os criados da casa-grande, estes "[...] tinham suas redes indispensáveis. Redes marcadas com um leve bordadinho, firmando posse, nas travessas das mamucabas"³⁷.

Como já mencionado, os próprios viajantes, sobretudo aqueles dispostos a enfrentar longas jornadas por caminhos ainda poucos conhecidos ou por regiões que não dispusessem de boas estalagens, também utilizavam-se da rede. No relato do pintor alemão Johann Moritz Rugendas, acostumado com as andanças pelo Brasil (1822 - 1825), observamos a praticidade do uso das redes para aqueles que estão em constante deslocamento:

"No que concerne aos móveis da viagem, a rede é de todos os pontos de vista, preferível a outros tipos de leito, não somente porque é mais leve, mais fácil de transportar e de armar, mas ainda porque nessas redes, erguidas quase sempre vários pés acima do solo, o viajante se encontra melhor garantido contra os insetos e outros animais capazes de perturbar-lhe o repouso noturno."³⁸

No trecho abaixo, o naturalista Herbert H. SMITH, que percorreu a região entre o Rio de Janeiro e Cuiabá (1881-1886), fala da rede e de seus complementos, itens indispensáveis para que o repouso ao longo de sua viagem fosse agradável:

"Mandamos fazer redes de linho, simples, leves, porém fortes, e os indispensáveis mosquiteiros, tenda aérea de gaze, que cerca a rede, caindo até ao chão; os

³⁵ KOSTER, Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil (1809-1815). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 18600/23582. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017

³⁶ CASCUDO, 2003. p. 38.

³⁷ Ibidem. p. 38-9.

³⁸ RUGENDAS, João Maurício. Viagem Pitoresca Através do Brasil (1825-1830). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 16767. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017

punhos das redes passavam pelas mangas apertadas dos mosquiteiros. No chão põe-se, quando se quer a coisa com todos os ff e rr, um couro de boi, de sorte que também por aí os insetos não têm entrada."³⁹

Nas residências, as redes podiam ser “armadas” em qualquer cômodo que houvesse “ganchos” ou armadores improvisados. Em 1837, na Região da Serra dos órgãos (RJ), George Gardner relata a presença de uma rede na sala da sede de uma fazenda onde jantava: "Até a hora da refeição, a filha mais velha [...] passou o tempo a balançar-se numa rede suspensa em um dos cantos da sala de jantar"⁴⁰. O missionário americano Daniel Parish Kidder, em 1839 durante um pouso em uma casa abastada na Ilha de Itamaracá (PE), menciona que

"Depois da ceia [...] penduraram uma rede em dois ganchos, no canto do quarto e nos deixaram entregues às nossas devoções [...]"⁴¹.

Na passagem do português Henry Koster, por Pernambuco, em 1812, ele registrou o costume dos habitantes da região:

"Sob o alpendre está armada a rede, com o proprietário moreno, idilicamente se balança, para frente e para trás, levantando a cabeça ao ouvir o tropel dos cavalos. O cachorro estendido ao sol ou debaixo de uma sombra, está prestes a lançar-se sobre os viajantes."⁴²

Mas não só para o repouso era utilizada a rede alguns relatos destacam outros usos e funções para este equipamento. Entre eles estavam o de transporte, em substituição às liteiras e cadeirinhas da corte, difíceis de encontrar nessas terras – mesmo após a chegada da corte – e, claro, mais adaptada ao clima dos trópicos e aos costumes dos colonos. Cascudo menciona que

³⁹ SMITH, Herbert H. Do Rio de Janeiro a Cuiabá (1881-1886). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 497. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017

⁴⁰ GARDNER, George. *Viagem ao Interior do Brasil* (1836/1841). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 10823. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017

⁴¹ KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil, Províncias do Norte* (1839/1840). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 21592. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017.

⁴² KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil* (1809/1815). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 11584 b. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017.

tanto os espanhóis como os portugueses, acostumados com uso das liteiras, tiveram que se adaptar ao uso da rede como meio de transporte.

“Suspensa por forte vara apoiada nas extremidades aos ombros de escravos, a rede ficou sendo um dos transportes mais cômodos e deleitosos.”⁴³

Fernão Cardim registrou em seus relatos o uso da rede no transporte do padre visitador Cristóvão de Gouvêa, no final do século XVI:

“Partimos para a aldeia do Espírito Santo, sete léguas da Bahia, com alguns trinta índios, que com seus arcos e flechas vieram para acompanhar o padre e revezado de dois em dois o levavam numa rede.”⁴⁴

Daniel Parish Kidder e o também missionário James Cooley Fletcher, em suas viagens pelo Norte do país, também observaram o uso da rede como transporte, usual entre as mulheres:

“A rede é geralmente usada como meio de fácil locomoção. É muito comum, tanto no Maranhão como no Pará, ver senhoras dando seu 'passeio' nessas redes. Os homens não costumam aparecer nas ruas em semelhante meio de condução, embora se diga geralmente que gostam muito de se balançar em suas redes em casa.”⁴⁵

Em 1839, Daniel Parish Kidder durante sua estada em São Luis (MA), registrou:

“A 'cadeira' é aí pouco conhecida, como meio de transporte. Em seu lugar usa-se a rede, na qual se viaja comodamente.”⁴⁶

Jean Baptiste Debret, entre suas dezenas de gravuras sobre o Rio de Janeiro, eternizou em uma de suas pranchas a imagem de um “rico negociante de fazenda” no seu regresso para

⁴³ CASCUDO, 2003. p. 28.

⁴⁴ CARDIM, Fernão. Tratados da Terra e Gente do Brasil (1583-1593). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 17168. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017

⁴⁵ KIDDER, Daniel Parish e FLETCHER, James Cooley. O Brasil e os Brasileiros (1855-1865). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 17330. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017

⁴⁶ KIDDER, Daniel Parish. Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil, Províncias do Norte (1839-1840). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 17300/17305. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017

casa, deitado numa rede transportada por dois escravos, enquanto outro pequenino escravo leva debaixo do braço a sombrinha do senhor, utilizada em caso de forte sol ou mesmo chuva. Na imagem é possível observar o esmero da varanda da rede senhorial. Debret descreve a cena da seguinte forma:

"Ao aspecto exterior do viajante carregado na rede, os brasileiros reconhecem o honesto negociante de fazendas que, debaixo de sua simplicidade, esconde um rico capitalista [...]"⁴⁷



Imagem 3 –O regresso de um proprietário. Liteira para viajar no interior (Fonte: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – PRCEU/USP)

O desenhista e inventor (precursor da fotografia) Hercules Florence também nos traz um pitoresco relato sobre o transporte na rede em sua passagem pela Chapada do Guimarães (MT), em 1827:

"Em caminho fomos visitar a fazenda do Buriti [...] pertencente a uma velha chamada D. Antônia, a qual chegou ao mesmo tempo que nós, vindo de Cuiabá. Viajava de um modo novo para nós, carregada por dois negros numa rede suspensa a uma grossa taquara de Guativoca. De muda iam outros dois pretos

⁴⁷DEBRET, Jean-Baptiste. Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil (1816-1831). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 17247. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017

aos lados. Acocorada nessa rede e a fumar num comprido cachimbo, vinha ela seguida de negras e mulatas [...]"⁴⁸

O uso desse equipamento em enterros também fora comum, persistindo sobretudo em regiões mais pobres do Norte e Nordeste do país até a segunda metade do século XX, como aponta Cascudo. Aluísio de Azevedo⁴⁹, que não fora cronista mas que, assim como outros romancistas captava as impressões de seu cotidiano para composição de seus romances, mencionou uso entre os escravos em sua obra "O Mulato" (1881), que usa como contexto a cidade de São Luis (MA):

"[...] uma rede de algodão enfiada numa taboca de muitas cores, cujas extremidades dois pretos vigorosos sustentavam no ombro, conduzia o cadáver [...] Benedito ia na frente, iluminando o fúnebre cortejo à luz ruiva de um enorme archote alcatroado que ele erguia sobre a cabeça."⁵⁰

Cascudo, apoiando-se nos estudos do etnógrafo e folclorista Alceu Maynard, menciona o interessante rito do cortejo do corpo até o cemitério, registrado na cidade de São Luis do Paraitinga (SP):

"A rede é carregada por duas pessoas, que andam em marcha quase acelerada, fazendo um movimento com o corpo ao qual dão o nome de "galeio"; movimento que dizem eles ajudar a diminuir o peso. De tempos em tempos, revezam os carregadores; estes tiram os chapéus quando colocam o varal da rede no ombro. O que vai na frente coloca-o no ombro esquerdo e o que vai atrás, no ombro direito, facilitando, assim, o "galeio do corpo". Os pés do defunto estão colocados para a frente. "Os que saíram de casa devem também entrar com ele no cemitério", é uma praxe que fazem questão de observar."⁵¹

⁴⁸FLORENCE, Hercules. Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas (1825-1829). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 17291. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017

⁴⁹ As fontes literárias utilizadas como documento, apresentam-se como um enfoque válido para abordar as questões do cotidiano. Fruto do seu tempo, essas obras mesmo com caráter ficcionista, estão carregadas de uma interpretação da realidade e nos apresentam as relações sociais e cotidianas dentro de um espaço e um tempo. (GUERRA, 2015. p. 142)

⁵⁰ AZEVEDO, Aluísio. O Mulato (1881). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 14921/17398. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017

⁵¹ ARAUJO, Alceu Maynard. Ritos de Morte. APUD CASCUDO, Luis da Câmara. Rede de Dormir: uma pesquisa etnográfica. São Paulo: Global, 2ª Ed. 2003. p. 124.

Os indígenas não eram enterrados em suas redes, mas elas os acompanhavam no *post mortem*, de acordo com o que foi relato pelo cronista português Pero de Magalhães Gandavo, ao referir-se a suas observações sobre os costumes indígenas:

"E quando algum morre, costumam enterrá-lo em uma cova assentado sobre os pés com sua rede às costas que em vida lhe servia de cama."⁵²

Esses inúmeros relatos mostram a importância do uso da rede e seu processo de assimilação e variação de usos ao longo dos séculos, chegando aos nossos dias não mais como um equipamento essencial para o repouso – apesar de manter esta função em várias regiões do Norte e Nordeste –, mas muito mais como um equipamento de relaxamento em dias de descanso.

Para que possamos apresentar o objeto do acervo do MCB que nos motivou a escrever este breve artigo, cabe retomarmos a obra do francês Hercules Florence, que durante sua viagem pelos rios Tietê e Amazonas, fez dois interessantíssimos registros iconográficos sobre o pouso de sua comitiva às margens do rio Pardo, no Paraná. Na primeira gravura vemos no plano geral a comissão descansando; à esquerda, ao lado de uma barraca, alguns membros sentados ao chão conversam; ao centro, outro grupo de pé em uma roda também parece conversar; mais à direita, uma mulher prepara a refeição em um trempe improvisado; e à direita dela há outro grupo reunido, entre eles um indígena ou negro sem camisa. Mas o que mais nos chama mais a atenção está no plano central ao fundo, onde vemos uma rede presa a uma estrutura de madeira, com um indivíduo sentado, que talvez seja o próprio Hercules Florence. Se notarmos com mais atenção, a rede não está presa de forma convencional, como as demais já relatadas aqui. Nota-se que ela está amarrada em quatro pontos distintos, dois acima e outros dois pouco mais abaixo, formando uma espécie de cadeira ou sofá. Trata-se de um exemplar de rede de quatro punhos, talvez este seja um dos únicos registros sobre este modelo de rede.

⁵² GANDAVO, Pero de Magalhães. História da Província Santa Cruz (1568-1570). In: Equipamentos da Casa Brasileira – usos e costumes. Museu da Casa Brasileira, 2005. Ficha: 21111. Disponível em <<http://www.mcb.sp.gov.br/pt-BR/acervo/arquivistico>>. Acessado em: 21 mar. 2017

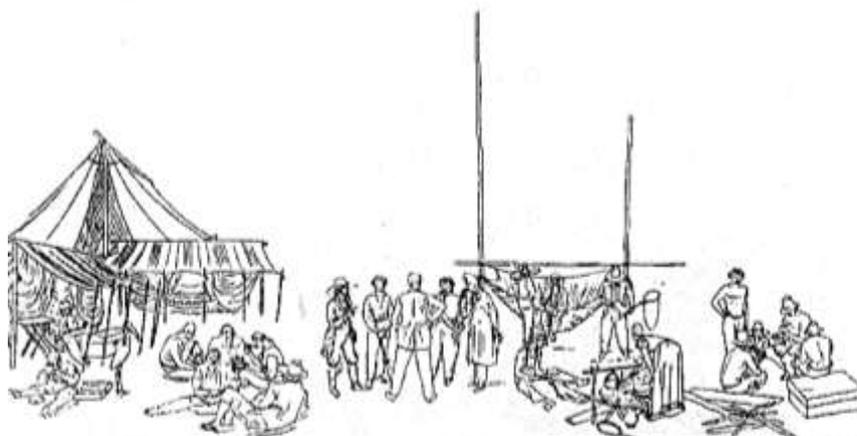


Imagem 4 – Acampamento no rio Pardo (Fonte: Biblioteca Digital do Senado Federal)

A segunda gravura se assemelha à primeira, mas aparenta registrar um fim de tarde às margens do rio Pardo. À esquerda, vemos um grupo conversando ao lado de uma das canoas da comitiva; ao centro, um grupo de negros ou mamelucos sentados no chão; à direita, novamente o trempe com o preparo da comida, e, ao fundo, outros homens sentados ao lado de uma barraca. Novamente ao centro da imagem, agora com bastante nitidez, é possível ver a rede de quatro punhos, sustentada pela mesma estrutura de madeira em formato de trave, tendo supostamente o próprio Florence sentado.

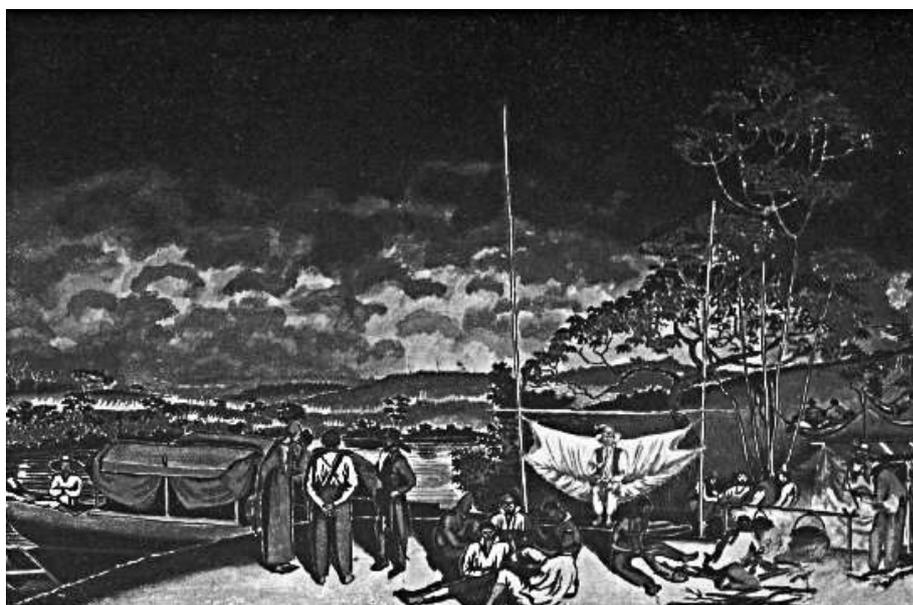


Imagem 5 – Rio Pardo(Fonte: Biblioteca Digital do Senado Federal)

Este tipo de rede era comum de ser encontrada no interior de São Paulo, talvez tenha sido em sua passagem pela cidade de Sorocaba (ao percorrer o Rio Tietê), local que de acordo com Cascudo, foi um grande centro de produção e venda deste equipamento, que Florence tenha adquirido este exemplar.⁵³

O mesmo modelo de rede apresentado nas duas gravuras de Hercules Florence foi incorporada ao acervo do MCB em 1972. A “Rede Lavrada de Algodão”⁵⁴ foi adquirida por meio de uma compra no valor de Cr\$ 600,00 (seiscentos Cruzeiros) ofertada pela senhora Angela Negri (Salto, SP). De acordo com a carta de oferta, datada de 20 de novembro de 1972, a rede teria “aproximadamente 70 anos” e fora “tecida em tear manual”.

Na documentação do objeto encontramos um parecer da conselheira Eunice Margarido Monteiro de Barros (1972 – 1975), bastante esclarecedor a respeito do que tratamos a respeito deste interessante equipamento. Segundo ela as redes de Sorocaba eram célebres, remontando “[...] às tradições das feiras de muares, às tropas que iam e vinham do sul”⁵⁵, e sempre estiveram “vinculadas tradicionalmente à cultura bandeirante, como persistência da técnica indígena no meio

⁵³ CASCUDO, 2003. p. 33.

⁵⁴ Patrimônio Interno nº 0124.

⁵⁵ ACERVO MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Parecer Técnico. Processo MCB nº 320/72 [Angela Negri]. 1974. Folha nº 04.

mameluco”⁵⁶. A respeito das mulheres redeiras de Sorocaba, que utilizam a técnica indígena do tear vertical, a mesma de confecção deste exemplar, menciona que “praticamente estão todas desaparecidas, restando somente uma ainda trabalhando esporadicamente por encomendas de particulares”.⁵⁷ Este parece ser o mesmotestemunho dado por Holanda – que, a título de curiosidade, à época também era conselheiro do MCB (1970 – 1975):

“[...] as velhas e raras tecedeiras que até hoje preservam a tradição das célebres redes sorocabanas, tão cultivadas no século passado, encontram-se, na sua quase absoluta totalidade, além das fronteiras [...]. Vivem em sítios relativamente afastados e ainda mal contaminados pelas influências desses grandes agentes da ‘modernização’ que são a estrada de ferro e a página impressa. Ou, se vivem na cidade, praticando aí sua ocupação favorita, como ocorre pelo menos em um caso, representam sem dúvida uma espécie de pitoresco anacronismo.”⁵⁸

O parecer faz uma ressalva importante, para efeito de preservação desta técnica em vias de desaparecer, segundo o qual o museu deveria “providenciar uma entrevista com aquela tecelã com o fito de se documentar suas atividades.”⁵⁹ Ao que nos parece tal recomendação não foi seguida, pois não há registros na documentação do MCB.

Em outro trecho do parecer a conselheira menciona uma característica peculiar deste equipamento, as

“redes sorocabanas têm uma peculiaridade que não conhecemos em outras: cada uma de suas extremidades apresenta dois punhos, que podem ser afastados uns dos outros mediante a introdução de uma peça cujas pontas são em forma se forquilha. Assim, a concavidade da rede pode ser controlada. O tecido é grosso, de trama muito fechada (com a superposição das tramas) fazendo com que o desenho de uma superfície seja diferente do da oposta. Suas varandas são de malhas abertas formando losangos.”⁶⁰

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ HOLANDA, 2005. p. 252.

⁵⁹ ACERVO MUSEU DA CASA BRASILEIRA, 1974. Folha nº 04.

⁶⁰ ACERVO MUSEU DA CASA BRASILEIRA, 1974. Folha nº 04.

Se retomarmos a questão da técnica e o uso do tear para a confecção das redes, Holanda chama nossa atenção para uma “recente” aquisição do Museu Paulista⁶¹ de teares que reforçam a tradição de Sorocaba na confecção de redes e a transmissão dessa técnica para Cuiabá, rotas dos paulistas para o sertão:

“[...] os dois teares [...] um procedente de Sorocaba, outro de Cuiabá [...]. No ultimo, não só os esteioslaterais e travessas foram trabalhados com capricho maior, mas todo o conjunto – a grade – descansa sobre solidas bases de madeira, que o fazem independente de qualquer outro amparo e mantêm-no em posição rigorosamente vertical. O modelo sorocabano, ao contrário, não tendo estabilidade própria, pois durante o trabalho de tecelagem há de ficar apoiado a uma parede e com calços de sarrafo aos pés, conserva-se ligeiramente inclinado.”⁶²

A rede incorporada ao acervo do MCB foi registrada inicialmente como sendo Sorocabana, mas a documentação não confirma essa origem. A carta de oferta da sra. Angela Negris estava registrada como sendo de Salto (SP), já o parecer de Eunice Margarido Monteiro de Barros informa que “a rede agora oferecida ao Museu da Casa Brasileira, embora ituana, como se alega, é realmente sorocabana no aspecto e feitura. Pequenas características de acabamento, no entanto, diferenciam-na das atualmente executas”⁶³. Conclui o relatório afirmando que, devido a tais características, “tudo faz crer que esse exemplar seja muito antigo e, o que é interessante, nunca foi usado.”⁶⁴

Infelizmente, a partir documentação disponível no MCB, não foi possível chegar a uma conclusão da sua origem, mas os elementos expostos aqui indicam que redes como a adquirida para o Museu eram produzidas na região de Sorocaba.

Na imagem abaixo vemos a rede do acervo do MCB em algodão grosso nas cores azul e bege, com suas varandas de trama aberta, tendo próximo aos quatro punhos vistosas bonecas. Na imagem podemos notar que ela está disposta de forma convencional, ou seja, com os punhos de ambos os lados numa mesma altura, dando ao equipamento o mesmo uso que as redes que

⁶¹ Sergio Buarque de Holanda foi diretor do Museu Paulista entre 1946 – 1956, período em que escreveu Caminhos e Fronteiras, tal vez seu contato com vida material, dentro do tenha aguçado sua intenção de interpretação da vida cotidiana por meio da materialidade.

⁶² HOLANDA, 2005. p. 253-4.

⁶³ ACERVO MUSEU DA CASA BRASILEIRA, 1974. Folha nº 04.

⁶⁴ Idem. p. 05

conhecemos. No entanto, como demonstrando nas gravuras de Hercules Florence a peça poderia ser usada de outras formas, ao gosto de seu proprietário.



Foto: Gal Oppido (2001)
Rede Lavrada de Algodão
Final do XIX/ Início do XX (presumível)
Acervo MCB

Com o aumento da oferta de mão de obra de carpintaria, o desenvolvimento das vilas e cidades, a influência da moda europeia nas grandes cidades e o declínio da indústria caseira de tecelagem, como apontado por Holanda, a presença da rede na casa brasileira diminuiu expressivamente. No Sul onde seu uso sempre fora pontual devido ao clima frio ela se tornou ainda mais rara. No Sudeste, vimos que sobretudo São Paulo foi a região de grande difusão desse equipamento, mas hoje, assim como em outros Estados da região, as redes quando presentes servem somente como souvenir nordestino ou para embalar alguns dias de calor na varanda ou terraços das residências.

Nas regiões Norte e Nordeste seu uso ainda resiste, não com a mesma força do passado, mas ainda está arraigada às tradições de seus moradores. No Norte, além do seu uso nas



residências é comum vermos em embarcações, por exemplo as que fazem o trajeto Belém-Manaus por exemplo, repletas de redes armadas com seus passageiros pacientemente esperando a chegada ao seu destino. No Nordeste, talvez o Estado mais conhecido pelo uso da rede seja o Ceará, onde diversos municípios disputam o título de “capital da rede”, ainda é possível encontrarmos localidades inteiras que fazem uso desse equipamento para o repouso. Em ambas as regiões ainda é comum encontrarmos, nos diversos cômodos das residências, os armadores ou ganchos fixados nas paredes onde são engatados os punhos das redes.

Com esta breve reflexão buscamos apresentar a importância que a rede teve na formação da cultura brasileira nos primeiros quatro séculos e os principais fatores que contribuíram para a afirmação da rede como equipamento indispensável na casa brasileira. Entre eles podemos destacar: o clima tropical que era propício para o uso deste equipamento, no calor tornava o repouso agradável e em dias mais frios, um tecido grosso para o corpo e muitas vezes a pele de um animal para forrar o fundo da rede, ou mesmo uma fogueira como era o hábito dos indígenas, era o suficiente para tornar sono agradável; a necessidade de mobilidade da população também foi um fator importantíssimo, mover-se por um território ainda inóspito ou com caminhos quase intransponíveis, como a nossa Serra do Mar, carregando “trastes” como camas ou catres e baús, não seria uma tarefa fácil, mesmo com o auxílio de mão de obra cativa; e a escassez de recursos econômicos e a ausência de mão de obra especializada para confecção do mobiliário.



REFERÊNCIAS

ALGRANTI, Leila Mezan. Origens, Expansão e Declínio do Uso da Rede de Dormir no Brasil. In: MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Boletim do Museu da Casa Brasileira. São Paulo: Museu da Casa Brasileira: Secretaria de Estado da Cultura: Governo do Estado de São Paulo. Edição Nº 4, 1979.

CANTI, Tilde. O móvel no Brasil: Origens, evolução e características. Lisboa: Editora AGIR, 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara. Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica. 2ª ed. São Paulo: Global, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Caminhos e fronteiras. 3ª Ed. São Paulo: Cia das Letras. 2005

MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Equipamentos da Casa Brasileira – Usos e Costumes - Arquivo Ernani Silva Bruno, 2005. Disponível em: <www.mcb.org.br>. Acessado em 21 mar. 2017.

NOVAIS, Fernando (coord.). A História da Vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das letras, vol. 1. 1997.

GRAVURAS

Imagem 1 - Uma rede

BNDigital. STADEN, Hans. **Warhaftige be schreibungeynerlandschafft der**

wildennacketengrimmigen: menschenfresserleuthen in der newen welt America gelegen. Vor und nach Christi geburt in land zu Hessen unbekant, bissvffdisezweynegstvergangene jar da sieHansstaden. GetrucftzuMarpurg [Marburgo, Alemanha]: beiAndresColbenuffMariaeGeburtstage, 1557. [89]f, il., [1]f. de estampa dobrada, 18cm. (4to).

Disponível em:

<http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or813739/or813739.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2017. Disponível em:

<http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or813739/or813739.html>. Acesso em: 21 mar. 2017.

Imagem 2 – Índios Tupinambás

LÉRY, Jean de. Viagem à Terra do Brasil. Tradução e notas Sergio Milliet. São Paulo: Martins, Ed. daUniversidade de São Paulo, 1972.

Imagem 3 – O regresso de um proprietário. Liteira para viajar no interior

Debret, Jean Baptiste. Voyage pittoresque et historique au Brésil. Paris, França: Firmin Didot Frères. 1835. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/624520060>. Acessado em: 21 mar. 2017.

Imagem 4 – Acampamento no rio Pardo.

Florence, Hércules. Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. Tradução do Visconde de Taunay. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/188906>. Acesso em: 21 mar. 2017. p. 56.

Imagem 5 – Rio Pardo.



Florence, Hércules. Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829. Tradução do Visconde de Taunay. Brasília:Senado Federal, Conselho Editorial, 2007.Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/188906>. Acesso em: 21 mar. 2017. p. 55.